

NEW JOURNALISM E ETNOGRAFIA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TIPO DE OBSERVAÇÃO PRATICADA PELA CORRENTE NORTE-AMERICANA DO JORNALISMO LITERÁRIO

New Journalism and ethnography: Considerations on the type of observation practiced by the American literary journalism movement

New Journalism y etnografía: Consideraciones sobre el tipo de observación que practica la corriente estadounidense del periodismo literario

Alex Sander Alcântara Lopes de Santana

Universidade de São Paulo

São Paulo – SP, Brasil

alexsander.alcantara@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3023-1657> 

João Noé Alves de Carvalho

Universidade de Coimbra

Coimbra - Portugal

joaoncarvalho@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-9649-5681> 

Resumo: O artigo aborda a complexidade em torno do conceito de etnografia, que é apresentado de forma reducionista na maioria das pesquisas que exploram aproximações entre o trabalho jornalístico e o antropológico. Etnografia é citada nos estudos como sinônimo de trabalho de campo, imersão e observação participante – outros termos generalizantes ao se referir ao conceito. Um dos problemas recorrentes é associar a produção dos jornalistas do *New Journalism* à etnografia. Em sua fase clássica, a partir da década de 1960, as obras publicadas por essa corrente não se valeram de métodos etnográficos, e sim de outro tipo de recurso que dialoga diretamente com a literatura realista do século XIX. Embora contenham experiências de imersão, a principal ferramenta empregada pelo *New Journalism* é a verossimilhança, uma categoria central da literatura, que consiste em reconstituir fatos, mas sem obrigação de veracidade. Ao contrário de um escritor que não precisa explicar seus métodos de criação, um jornalista deve expor as circunstâncias dos fatos narrados ou “recriados”, norteado pelo princípio da veracidade.

Palavras-chave: *New Journalism*; Etnografia; Reportagem; Jornalismo; Jornalismo literário.

Abstract: This article addresses the complexity surrounding the concept of ethnography, which is often presented in a reductionist manner in most research exploring the convergences between journalistic and anthropological work. In these studies, ethnography is frequently cited as a synonym for fieldwork, immersion, and participant observation – terms that are themselves generalizations when referring to the concept. One recurring issue is the association of New Journalism production with ethnography. In its classical phase, beginning in the 1960s, the works published by this movement did not utilize ethnographic methods; rather, they employed a different set of resources that dialogues directly with 19th-century realist literature. Although they contain immersive experiences, the primary tool employed by New Journalism is verissimilitude, a central literary category consisting of reconstructing facts without a strict obligation to absolute veracity. Unlike a writer, who is not required to explain their creative methods, a journalist must disclose the circumstances of the narrated or "re-created" facts, guided by the principle of truthfulness.

Keywords: *New Journalism*; Ethnography; Reportage; Journalism; Literary journalism.

Resumen: El artículo aborda la complejidad en torno al concepto de etnografía, que se presenta de forma reduccionista en la mayoría de las investigaciones que exploran las aproximaciones entre el trabajo periodístico y el antropológico. La etnografía es citada en los estudios como sinónimo de trabajo de campo, inmersión y observación participante – otros términos generalizadores al referirse al concepto. Uno de los problemas recurrentes es asociar la producción de los periodistas del New Journalism con la etnografía. En su fase clásica, a partir de la década de 1960, las obras publicadas por esta corriente no se valieron de métodos etnográficos, sino de otro tipo de recurso que dialoga directamente con la literatura realista del siglo XIX. Aunque contienen experiencias de inmersión, la principal herramienta empleada por el New Journalism es la verosimilitud, una categoría central de la literatura que consiste en reconstruir hechos, pero sin la obligación de veracidad. A diferencia de un escritor que no necesita explicar sus métodos de creación, un periodista debe exponer las circunstancias de los hechos narrados o "recreados", guiado por el principio de la veracidad.

Palabras-clave: *New Journalism*; Etnografía; Reportaje; Periodismo; Periodismo literário.

Introdução

A corrente jornalística norte-americana batizada de *New Journalism* aglutinou, a partir de 1960, jornalistas e escritores que se tornaram referência para um tipo revolucionário do fazer jornalístico. Dezenas de pesquisas destacam, entre as inovações, o fato de terem explorado assuntos de forma imersiva, a partir da observação participante. Esses estudos enquadram os adeptos dessa corrente como praticantes de uma vertente do jornalismo literário (Martinez, 2017).

Este artigo examina a relação entre o método etnográfico e o tipo específico de observação praticada pela geração de 1960 do *New Journalism*, que revelou nomes como Truman Capote, Gay Talese, Tom Wolfe e Norman Mailer. Este texto adota a noção de etnografia como método antropológico, tópico que será discutido mais adiante. A questão central consiste em identificar equívocos nas pesquisas que traçam paralelos entre jornalismo e etnografia. Um deles é associar a produção dos jornalistas do *New Journalism* estadunidense à etnografia – foco deste artigo.

Etnografia como um método de observação

Jornalismo e Antropologia são áreas que apresentam um diálogo mais evidente desde o nascimento da Escola de Chicago, surgida nos Estados Unidos, em 1892. As pesquisas conduzidas por essa instituição, principalmente, entre 1915 e 1940, apresentavam algumas características como interdisciplinaridade, empirismo, interesse por patologias urbanas – como crime organizado, gangsterismo, delinquência juvenil (Coulon, 1995). Pesquisas sobre guetos e criação de conceitos como “homem marginal” (Eufrasio, 2006) ganharam força nessa instituição, que influenciou várias áreas do conhecimento, inclusive o jornalismo.

Nas duas primeiras décadas do século XX, as pesquisas etnográficas encabeçadas pelo sociólogo e jornalista Robert Park, na Escola de Chicago, são uma referência para os estudos de antropologia urbana, área considerada tardia no campo antropológico. A produção de Park é referência no Brasil para discussões sobre teorias do jornalismo. No artigo *A notícia como forma de conhecimento* (Park, 1940; In: Steinberg, 1976), publicado em *The American Journal of Sociology*, em 1940, Park defende a prática jornalística como uma área que deveria ser integrada aos estudos da sociologia do conhecimento. O texto é um ponto de partida para as pesquisas sobre o jornalismo como produtor de conhecimento, mas quase sempre com um viés negativo segundo o qual suas abordagens se enquadram numa perspectiva funcionalista. A maioria das análises sobre sua produção não enfatizam os *insights* de Park sobre a importância do papel do repórter como um explorador urbano (Lindner, 1996). Machado (2005) faz a ressalva sobre a originalidade de Park no campo jornalístico, enfatizando que o sociólogo “desenvolveu um método próprio de pesquisa, original, inovador e muito comprometido com os princípios do pragmatismo, que aprendera com John Dewey e William James” (2005, p.33).

No mapeamento realizado em artigos e teses no Brasil¹, desde a década de 1980, é possível elencar alguns pontos frágeis nas abordagens que citam confluências entre Jornalismo e Antropologia, especificamente reportagem e etnografia. A primeira delas – que já virou um lugar-comum – diz respeito à definição-síntese de Clifford Geertz de que etnografia é uma “descrição densa”. O alerta de Geertz sobre o termo, que pega de

¹ Foram pesquisados 47 artigos e 12 pesquisas, entre dissertações e teses, nas bases nos sites da CAPES, CNPq, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs) na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), nos bancos de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP), Universidade de Campinas (Unicamp), Universidade Federal de São Carlos (UFScar) e Google Scholar.

empréstimo do filósofo britânico Gilbert Ryle, não é enfatizado, segundo o qual o que define a etnografia é um “tipo de esforço intelectual” e não as “técnicas e os processos determinados” (Geertz, 2019). A ideia de “descrição densa”, sem a devida problemática levantada pelo autor, reforça simplificações e reducionismos sobre o conceito.

Em geral, essas pesquisas associam a ideia de etnografia à descrição de cenários, pessoas e situações em abordagens *in loco*, percepção mais evidente em livros-reportagem ou perfis jornalísticos. Esse equívoco, mais notadamente nos livros-reportagem, leva a uma segunda generalização quando se aborda o *New Journalism*: a de que esta corrente praticou a “observação participante”, sem o devido cuidado em problematizar a categoria dentro das Ciências Sociais, notadamente a Antropologia.

O fato é que a descrição detalhista induz à instrumentalização do método etnográfico, um dos problemas recorrentes nos trabalhos jornalísticos que adotam a perspectiva etnográfica. Lago (2010), ao comentar a transposição do método nos estudos que têm o jornalismo como objeto, afirma que as pesquisas nesse campo,

quando interagem com a antropologia, o fazem principalmente visando uma aplicação quase que mecânica do método – perdendo com isso o olhar disciplinado pela antropologia, fundamentalmente marcado pela suspeição em relação à própria pesquisa (2010, p. 55).

A autora salienta inclusive que as pesquisas que estabelecem o encontro entre as duas disciplinas são marcadas mais “por faltas” do que “por presenças”: “há uma ausência reflexiva sobre o método antropológico por excelência, a observação participante, quando este em si é incorporado” (Lago, 2010, p. 55).

Esses estudos também empregam a concepção de “trabalho de campo”, inadvertidamente, como sinônimo do método etnográfico. O trabalho de campo não é uma invenção da antropologia, adverte Uriarte (2012), muito menos é exclusividade dela, e pesquisadores de diversas áreas realizam trabalhos em campo para testar teorias a partir de dados empíricos. Mas “ao advogar um trabalho de campo intensivo foi necessário um esforço para diferenciar o tipo de conhecimento antropológico produzido com este método daquele adquirido por outras áreas” (Uriarte, 2012, p.5). O trabalho etnográfico não

consiste em fotografar, gravar, anotar, mas em decidir quais são os fatos significativos e, além dessa descrição (mas a partir dela), em buscar uma compreensão das sociedades humanas. Ou seja, trata-se de uma atividade claramente teórica de construção de um objeto que não existe na realidade,

mas que só pode ser empreendida da observação da realidade concreta realizada por nós mesmos (Laplatine, 2007, p. 194).

Há uma multiplicidade de reflexões quanto à definição sobre o que é a etnografia. Independentemente das diferenças de concepções, há, contudo, um ponto convergente, segundo o qual ela é o resultado de todo o processo de observação antropológica (prática e teórica), ou seja, não se restringe às etapas descritivas iniciais. Geertz define a prática etnográfica como a capacidade de

estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa, tomando emprestado uma noção de Gilbert Ryle (2019, p. 4).

Para Peirano (2014), toda etnografia é também teoria: “se é boa etnografia, será também contribuição teórica; mas se for uma descrição jornalística, ou uma curiosidade a mais no mundo de hoje, não trará nenhum aporte teórico” (2014, p. 382). A boa etnografia não se reduz à descrição do que foi observado – embora se valha disso essencialmente – mas conduz a uma revisão das teorias existentes (Peirano, 2021). Etnografar, define Magnani (2002), consiste em estabelecer eixos de observação e relações entre os achados aparentemente dispersos. Etnografia não pode ser confundida apenas como uma técnica, diz o antropólogo, uma vez que pode servir-se de várias delas, e se adaptar às circunstâncias de cada pesquisa. Etnografia é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos, reforça Magnani, e “tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo” (2002, p. 17). Não é algo que

se faz espontaneamente e meras descrições de um fenômeno de uma cultura em termos de outra são um arremedo necessariamente pobre da prática antropológica [...] as observações são realizadas não só para descrever o curioso, o exótico ou o diferente por si mesmos [...], mas também e principalmente para universalizá-los (Peirano, 1995, p. 16).

Outro aspecto reducionista é restringir a etnografia à noção de observação participante. Em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, Malinowski se lança no desafio de

adotar o “ponto de vista do nativo”, tornando-se um dos grandes formuladores da teoria do Outro (Peirano, 2021). Mas, para Malinowski, há mais do que observação participante na etnografia. Suas considerações indicam que “a etnografia é, ela mesma, um método capaz de abranger todo um conjunto de técnicas, dentre as quais a observação participante” (Santos, 2021, p. 4). As práticas utilizadas na etnografia se adaptam a quaisquer contextos, modificando-se a depender das características da pesquisa. É um método heterodoxo: “o rigor do método etnográfico é justamente sua flexibilidade [...] e seus procedimentos serão fatalmente adaptados e transformados pela singularidade da nova experiência de pesquisa” (Santos, 2021, p. 7). Isso não quer dizer, contudo, que o trabalho etnográfico seja feito de forma aleatória (Magnani, 2002).

O *New Journalism*

As análises sobre a contribuição do *New Journalism* indicam a observação participante como umas das responsáveis pelo salto qualitativo na forma de produção dessa corrente. Não só autores brasileiros (Lima, 2004), mas também estadunidenses e europeus (Hermann, 2016a, 2016b; Harrington, 2003; Neveu, 2016) associam trabalhos de jornalistas adeptos do *New Journalism* a uma convivência de longo prazo chamada de imersão, que, em poucas palavras, poderia ser definida como uma espécie de observação participante com finalidades jornalísticas.

Dentro desse contexto, o tempo de imersão é fator determinante para o resultado da abordagem – tão importante que os escritos já inserem esse tipo de proposta com o conceito de “jornalismo lento” (*slow journalism*). Hermann (2016a, 2016b), por exemplo, defende a utilização do conceito de jornalismo etnográfico como um tipo de jornalismo lento. Para a autora, esse jornalismo tem entre suas características uma pesquisa intensa sobre o assunto reportado, bem como a busca por relatos de cotidianos em vez de eventos extraordinários. Além disso, há uma “desaceleração em relação ao *deadline*”. O ritmo mais lento é uma condição essencial para adquirir uma “perspectiva do *insider*” (do Outro, do informante, da fonte) ou, na perspectiva antropológica, a desaceleração permite atingir o “ponto de vista do nativo”, na acepção de Malinowski.

Ao citar uma entrevista com o jornalista William Finnegan, Hermann salienta a mudança de perspectiva, do olhar que diferencia a reportagem tradicional da etnográfica. Os repórteres etnográficos “buscam significado em vez de fatos, examinam o comum em vez do extraordinário e conversam com os anônimos, muitas vezes marginalizados, em vez de confiar em fontes oficiais” (Hermann, 2016b, p. 495). Ou seja, escrevendo sobre uma

pessoa que está trabalhando no McDonald's, diz William Finnegan à Hermann: “estou lá para entender como ela sobrevive” (Hermann, 2016b, p. 495).

Autora de um dos estudos mais minuciosos sobre o uso de recursos da etnografia por jornalistas, Hermann (2016a; 2016b), ao discutir sobre a utilização da observação participante como método de trabalho jornalístico, cita autores do *New Journalism*, particularmente Tom Wolfe [1930-2018], que uniu “um doutorado em Yale em estudos americanos à obsessão de um jornalista pela precisão factual da voz de um romancista” (Harrington, 2003, p. 95). Além de Wolfe, referenciado nas análises acadêmicas por ter publicado em 1973 um manifesto sobre o que chama de *New Journalism*, o grupo abriga outros nomes conhecidos como Truman Capote, que publicou *A Sangue Frio* (1966), Norman Mailer, além de Gay Talese. A influência da vertente não ficou restrita aos Estados Unidos. No Brasil, a extinta editora Abril lançou, em 1966, a revista *Realidade*, que sobreviveu por 10 anos, e ficou conhecida por produzir matérias nos moldes do *New Journalism*.

Lima (2004), pesquisador que defende a produção de livros-reportagem como “uma extensão do jornalismo e da literatura”, também cita a técnica utilizada pelo *New Journalism* como o estágio mais avançado da prática de observação participante: “essa modalidade de captação teve o seu zênite, em livro-reportagem, na época da inovação norte-americana conhecida como *New Journalism*” (2004. p. 121). O livro-símbolo que elevou a observação participante ao auge, segundo Lima, foi *A Sangue Frio*. O *New Journalism*

levou ao ápice a observação participante no livro-reportagem porque seu processo de captação, de acordo com Tom Wolfe, atingiu um nível até então só presenciado na melhor literatura de ficção de gênios como Dickens, Balzac, Gógol, Dostoiévski (2004, p. 124).

Em seu manifesto, Wolfe se opõe às convenções de jornalismo, principalmente o estadunidense da segunda metade do século XX, com seus pressupostos de objetividade, estrutura rígida da notícia e velocidade na apuração, com conteúdo focado excessivamente em declarações de fontes oficiais. O jornalista se destacou por ter praticado uma imersão por “dentro” e não “por fora”. Uma das características é que a proximidade com as fontes permite observar aquilo que Malinowski chamou de “imponderáveis da vida real”, que inclui estar atento ao cotidiano e afazeres como

[...] a rotina do dia a dia de trabalho de um homem, os detalhes do seu cuidado com o corpo, maneira de consumir o alimento e prepará-lo; o tom

da vida interativa e social em torno das fogueiras da aldeia; a vigência de fortes amizades, hostilidades e simpatias e antipatias passageiras entre as pessoas; a maneira sutil, mas inconfundível, como vaidades e ambições pessoais se refletem no comportamento do indivíduo e nas reações emocionais daqueles que o cercam (Malinowski, *In*: Castro, 2016, p. 103).

Wolfe descreveu as características do *New Journalism*, mas antropologia, etnografia e observação participante são termos ausentes de sua análise. Ao que Malinowski chama de "imponderáveis da vida real", Wolfe denominou de "status de vida da pessoa", "recurso que foi o menos entendido". Trata-se

do registro dos gestos, hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares além de vários ares, olhares, poses, estilos de andar e outros detalhes simbólicos do dia a dia que possam existir dentro de uma cena (Wolfe, 2005, p. 55).

O tipo de observação empregada pelo *New Journalism* nos anos 1960 é fundamentalmente literário. O manifesto de Wolfe é explícito quanto à utilização de recursos da literatura – particularmente fluxo de consciência e narrador onisciente –, denominado no texto como "ponto de vista de terceira pessoa" (Wolfe, 2005, p. 54). O jornalista recebeu fortes críticas por apresentar um quadro muito generalista sobre o *New Journalism*, colocando na mesma linhagem trabalhos muito diferentes entre si. A interlocução direta do Wolfe é com a corrente realista da literatura, fortemente presente no final do século XIX. A obra de Gustave Flaubert, *Madame Bovary*, lançada em 1856, é um marco desse movimento na Europa.

A generalização do termo pode ocorrer, sobretudo, porque é possível reproduzir técnicas de observação e aplicá-las intuitivamente. Lévi-Strauss comenta esse "dom" ao dizer em *Tristes Trópicos*, que a etnografia é uma das raras vocações autênticas: "podemos descobri-las em nós, ainda que não nos tenha sido ensinada por ninguém" (Lévi-Strauss, 1996, p. 59). O antropólogo problematiza, contudo, a afirmação para não se incorrer no erro de que qualquer um pode produzir conhecimento antropológico.

Antes dele, Malinowski havia se dedicado à sistematização conceitual da prática com o lançamento de *Argonautas do Pacífico Ocidental*, em 1922. Em mais de cem anos de tradição de estudos antropológicos, as múltiplas formas de "estar lá" para observar o outro – e a necessidade de afastar-se para refletir sobre o que se passou naquele contexto – é

um ponto chave de dezenas de obras e de uma infinidade de pesquisas antropológicas que examinam os recursos etnográficos empregados nas diversas investigações. Etnografia é um conceito-problema, e não um conjunto de normas a ser aplicado: “É uma teoria vivida” (Peirano, 2008).

Verossimilhança versus veracidade

A inovação introduzida pelo *New Journalism* precisa ser contextualizada, caso a caso, obra por obra, autor por autor. Embora o conjunto das principais obras dessa corrente contenham experiências de imersão com fins jornalísticos, a principal ferramenta que caracteriza o *New Journalism* é a verossimilhança. As cenas descritas nas principais obras do *New Journalism* – com destaque para *A Sangue Frio* – são essencialmente literárias: utilizam como recurso principal a verossimilhança – e não a veracidade. Verossimilhança, grosso modo, é a reprodução de elementos de uma realidade no plano ficcional, sem comprometimento com a veracidade dos fatos.

Parecer verossímil é estabelecer uma ligação, nexos ou harmonia entre fatos e ideias, em obra literária, para que os elementos imaginários e fantasiosos sejam determinantes no texto. É algo que se assemelha à realidade: às vezes o fato descrito não existiu realmente, mas pode ser recriado pela capacidade imaginativa do escritor ou mesmo do jornalista.

A discussão sobre verossimilhança (mímese) tem origem na filosofia clássica, notadamente na obra *A poética* de Aristóteles, publicada aproximadamente entre 335 e 323 a.C. O critério fundamental do conceito aristotélico de mímese estabelece uma distinção entre a obra do poeta e a do historiador.

Representar o verossímil, na mímese, significa que o objeto da representação do poeta não é o que realmente aconteceu, mas o que poderia acontecer, isto é, o possível. Esta autonomia, frente ao discurso da história, garante a ficcionalidade da mímese e é gerada pela unidade interna e significante do material da fábula (Costa, 2006, p. 74).

Na literatura, o verossímil apresenta uma correlação “interna”, dentro da narrativa textual, ao passo que “a verossimilhança externa remete a indicadores exteriores à própria obra, como a pré-compreensão do que sejam as ações na realidade histórica, pelo autor e pelo receptor” (Costa, 2006, p. 74). Dentro da obra de ficção, o que importa é o encadeamento causal que torna a narrativa crível por si mesma, independentemente de sua base empírica. É por meio desse arranjo que o autor produz o paralogismo, ou seja,

um raciocínio falso, ilógico ou falacioso que aparenta ser verdadeiro, uma estratégia que convence o público ao apresentar o falso sob uma aparência de razão.

Os jornalistas do *New Journalism* utilizaram o recurso literário para recriar cenas e fatos que não presenciaram, mas passíveis de serem narrados a partir de entrevistas, documentos e fragmentos de notícias, por exemplo. A diferença é que o jornalista precisa deixar claro para o leitor se a cena de fato ocorreu (ou foi inventada) e que ele a está reconstituindo para completar os “vazios” ainda não revelados. O escritor não tem essa obrigação. O jornalismo é “uma atividade integralmente afetada pela norma da veracidade: não há notícia sobre a qual não se imponha legitimamente uma obrigação de veracidade” (Gomes, 2009, p. 10 - 11).

Em artigo publicado na revista *Slate Magazine*, Ben Yagoda comprova as invenções – e uma certa desonestidade com o leitor, em relação aos fatos narrados por Capote em *A Sangue Frio*, que foi publicado como uma série de quatro partes na revista *The New Yorker* no outono de 1965 e, posteriormente, como livro. À época do lançamento, a nota do editor dizia que “todas as citações neste artigo foram extraídas de registros oficiais ou de conversas, transcritas literalmente, entre o autor e os protagonistas” (Yagoda, 2013). O subtítulo do livro deixava claro que a obra era “um relato verdadeiro de um assassinato múltiplo e suas consequências”.

Segundo Yagoda, Capote revelou, antes de sua morte, em 1984, que a última cena do livro, uma conversa num cemitério entre um detetive e a melhor amiga da garota assassinada, era pura invenção.

Eu mesmo dei uma pequena contribuição para a contra-narrativa. Enquanto pesquisava para meu livro de 2000, *About Town: The New Yorker and the World It Made*, encontrei as provas de galé (*galley*) de *A Sangue Frio* nos arquivos da revista. Ao lado de uma passagem que descrevia as ações de alguém que estava sozinho e que foi morto posteriormente no “assassinato múltiplo”, o editor da *The New Yorker*, William Shawn, rabiscou a lápis: “Como sabe?” (*How know?*). De fato, não havia como saber, mas a passagem permaneceu (Yagoda, 2013, s.p.).

Não se trata de uma discussão sobre gêneros literários nem de apropriação de “ferramentas” literárias. E não há impedimentos de o jornalista usar os recursos literários para tornar o texto atraente para o leitor. Mas é fundamento básico da profissão que um jornalista não inventa diálogos, não cria personagens e não entrevista pessoas mortas (Kovach e Rosenstiel, 2004, p. 124). Os fatos narrados não devem apenas se assemelhar à realidade, afirmam os autores: uma prova substancial de que eles ocorreram é necessária. Caso o repórter não tenha presenciado determinada cena, deverá usar os

recursos disponíveis para narrá-la. Há um compromisso moral e ético com a veracidade dos fatos e

a norma da veracidade que obriga qualquer um que faça discursos sobre a realidade e que, ademais, pretende que se considere tais discursos como dizendo o que a realidade efetivamente é, significa para o jornalismo uma obrigação suplementar. O jornalismo não apenas assume com o consumidor de notícias a obrigação de ser veraz, mas também o compromisso de usar de todos os recursos possíveis para evitar o engano e o erro (Gomes, 2009, pp. 10-11).

Atualmente, por exemplo, é possível notar uma tendência em livros-reportagem estadunidenses resultantes de imersões jornalísticas. Autores parecem preocupados em demonstrar como obtiveram determinadas informações, incluindo em suas obras anexos (muitas vezes bastante extensos) com a descrição de métodos e fontes. Assim, detalham com quem falaram e quais documentos utilizaram para reconstruir cenas, ou para fazerem determinada afirmação. Um exemplo dessa abordagem é o livro-reportagem *Invisible Child*, da jornalista Andrea Elliott (2022), que, ao fim, contém um anexo revelando detalhes sobre métodos e fontes, além de enumerar dilemas éticos enfrentados durante a elaboração da reportagem.²

Jornalismo não é ficção, embora possa dialogar com ela. Kovach e Rosenstiel (2004) salientam a obrigação do jornalismo com a veracidade entre os princípios fundamentais do ofício. Para esses autores, o significado da palavra no jornalismo estaria relacionado a “apurar bem os fatos” (2004, p. 61), “uma forma prática e funcional da verdade” (2004, p. 68), mas não no sentido absoluto ou filosófico. Os autores também advertem que precisão e verdade não são as mesmas coisas:

[...] a verdade jornalística é muito mais do que simples precisão. É um processo seletivo que se desenvolve entre a matéria inicial e interação entre o público leitor e os jornalistas, ao longo do tempo. Esse princípio básico do jornalismo – a busca desinteressada da verdade – é, em última instância, o que diferencia a profissão de todas as outras formas de comunicação (2004, p. 68).

² Um dos achados da tese de doutorado “Aspectos Metodológicos, Éticos e Narrativos do uso de recursos da etnografia por jornalistas: uma comparação entre Estados Unidos, Brasil e Portugal”, de João Noé Alves de Carvalho, defendida na Universidade de Coimbra, Portugal, é a tendência a maior transparência em reportagens com o uso de imersão. A pesquisa, aprovada no dia 06/03/2026, ainda será disponibilizada na internet.

Entre aproximações e deslocamentos

É inegável que há uma série de aproximações entre o jornalismo e a etnografia. Como observa Travancas, os profissionais de ambas as áreas intermedeiam “relações entre diversos grupos e categorias sociais”. Tanto jornalistas como antropólogos são vistos como ligações entre diferentes universos de significação a partir de um relato sobre a diferença, conceito fundamental para as duas profissões (Travancas, 2002, p. 2). Já Carvalho e Evangelista destacam que tanto jornalistas como antropólogos atuam como “coletores do cotidiano”. Eles vão a campo, com o objetivo de recolher “elementos estruturais e simbólicos da vida comum”, dando atenção a relações humanas e não-humanas, diálogos, cenas, cenários e organizações sociais (Carvalho e Evangelista, 2018, pp. 836-837). Como destaca Souza, assim como na etnografia, há na atividade jornalística uma valorização do ato de “estar lá”, para haver a possibilidade de que o profissional veja “com os próprios olhos” as “alteridades culturais” (Souza, 2010, *In*: Salvo, 2019, pp. 63-64).

Jornalismo e Antropologia são disciplinas que partem do empirismo para construir formas particulares de produção de conhecimento. Apesar do aporte teórico indispensável, a Antropologia se fundamenta na pesquisa empírica:

[...] a empiria – eventos, acontecimentos, palavras, textos, cheiros, sabores, tudo que nos afeta os sentidos –, é o material que analisamos e que, para nós, não são apenas dados coletados, mas questionamentos, fonte de renovação. Não são ‘fatos sociais’, mas ‘fatos etnográficos’, como nos alertou Evans Pritchard em 1950 (Peirano, 2014, p. 380).

Contudo, há uma particularidade contrastante entre os dois campos, não abordada nas pesquisas consultadas. Diferentemente dos fatos e acontecimentos jornalísticos, que circulam na forma de notícias, os “fatos etnográficos não existem”, uma vez que se torna necessário um esforço para reconstituir “os fatos invisíveis” por meio da “inferência construtiva” (Malinowski, 1935, vol. 1, p. 317, *apud* Goldman, 2003, p. 456). Ressalta-se ainda que, em relação a outras disciplinas das Ciências Sociais, antropólogos não têm hipóteses como observadas, na forma tradicional, nas áreas afins: elas são descobertas a partir da conjunção entre campo e teoria:

[...] no momento em que um fato etnográfico novo é revelado, traz a promessa de uma contribuição para a teoria acumulada. A teoria antropológica não é rígida, não é estável, está sempre em mudança e será sempre revigorada por novas pesquisas etnográficas (Peirano, 2021, p. 391).

Outro ponto distinto entre as duas disciplinas diz respeito à relação com as fontes. O interesse público norteia a atividade jornalística e, nesse caso, torna-se necessário em algumas situações revelar informações que prejudiquem a imagem do entrevistado. Os jornalistas são comprometidos com a ideia de que sua lealdade final é com os leitores (também telespectadores e ouvintes):

[...] se tiver de reter o que sabemos ser verdade para proteger os sujeitos, omitindo dos leitores, não o retemos. Como jornalistas, costumamos citar nomes, ao contrário dos etnógrafos que escondem a identidade de seus sujeitos supostamente para protegê-los. Usamos nomes reais porque acreditamos que confere autenticidade às nossas histórias e porque a veracidade e precisão podem ser checadas, algo que é impossível com a maioria dos relatos etnográficos (Harrington, 2003, p. 100).

No artigo *The journalist as ethnographer? How anthropology can enrich journalistic practice*, publicado originalmente em 1987 e atualizado em 2005, Bird aponta a relação problemática que o jornalista estabelece com as fontes, tratadas em grande parte nas abordagens como objetos quantificáveis – e não como sujeitos. Um dos pontos que levanta é a forma como os jornalistas conduzem as entrevistas. A entrevista é tão importante na antropologia quanto no jornalismo, mas a postura do etnógrafo tende a ser diferente das demais Ciências Sociais. Os sociólogos, afirma Bird, tradicionalmente, tratavam o sujeito como um repositório de informações que se tornava “objetificável” e “quantificável”.

Uma perspectiva antropológica exige uma relação particular entre pesquisador e sujeito. O etnógrafo encara o entrevistado como sujeito da pesquisa e informante. Para muitos antropólogos, a entrevista ideal é semelhante à conversação. É da conversa que surgem as questões e não do questionário pronto, fechado e quantificável. Mas para o jornalista, adverte a pesquisadora, “a fonte é separada da personalidade do indivíduo e vista, muitas vezes, como um representante, uma unidade que fala por outras unidades semelhantes, e não como um indivíduo” (Bird, 2005, p. 302).

Caso tenha de produzir reportagem sobre uma comunidade, por exemplo, o jornalista se restringe, na maioria dos casos, às informações passadas pelo líder comunitário, que normalmente possui relações de poder com políticos, partidos (e até com o tráfico de drogas) e, em raras exceções, checa com os outros moradores ou outras fontes a veracidade das informações passadas pelo representante comunitário. É dar voz a um único protagonista, e o jornalista publica como a única visão possível de uma abordagem.

O que diferencia a atividade das demais é a finalidade: o jornalismo é o discurso que se destina “ao atendimento do direito à informação” (Bucci, 2000). O que distingue as duas disciplinas é a finalidade dos processos de conhecimentos envolvidos em cada uma, uma vez que a discussão do tempo também permeia a Antropologia.

Considerações finais

Ao citar o *New Journalism* na discussão sobre etnografia não se tem a pretensão de reduzir a importância dessa vertente que, décadas depois, persiste com vitalidade nas produções jornalísticas contemporâneas. Há uma geração de novos jornalistas que já são chamados de expoentes do *The New New Journalism* por Robert Boynton:

[...] desde o manifesto de Wolfe, um grupo de escritores vem silenciosamente garantindo um lugar no próprio centro da literatura americana contemporânea de não-ficção de longa duração baseada em reportagens e narrativas. Esses ‘novos’ novos jornalistas – Adrian LeBlanc, Michael Lewis, Lawrence Weschler, Eric Schlosser, Richard Preston, Alex Kotlowitz, Jon Krakauer, William Langewiesche, Lawrence Wright, William Finnegan, Ted Conover, Jonathan Harr, Susan Orlean e outros – representam o amadurecimento contínuo do jornalismo literário americano (Boynton, 2005, p. 7).

Segundo Boynton (2005), esse novo grupo se envolve com a ficção, mas sem a ansiedade sobre seu lugar no mundo literário que afligia os escritores da geração de Wolfe. A sociedade é bem mais complexa se comparada à geração do *New Journalism* e as conquistas atuais do jornalismo literário “são mais jornalísticas do que literárias” (2005, p. 9), razão pela qual as discussões sobre essa herança focam hoje a prática e o método jornalístico.

Este artigo, portanto, não faz uma crítica à utilização de recursos literários no jornalismo, em particular aos livros-reportagem – aqui focados na análise do *New Journalism*. A questão que se expõe não é o uso de ferramentas literárias, mas quando elas são utilizadas sem a devida preocupação em informar ao leitor se o fato narrado existiu ou não. Etnografia não é o resultado de imersão que resulte apenas em excesso de descrição física e psicológica.

As pesquisas acadêmicas que estudam este gênero ao utilizarem a categoria “observação participante” ou “etnografia” – sem a devida problematização dos conceitos – não discutem o processo jornalístico por trás de cada obra: o que foi recriado a partir de fontes e o que foi inventado para compor a narrativa. Informações recriadas que não são

verídicas, sem o devido cuidado de informar ao leitor, incorrem em discussões que se esbarram nos limites éticos.

Referências

- BIRD, S. Elizabeth. The journalist as ethnographer? how anthropology can enrich journalistic practice. In: ROTHENBUHLER; Eric W.; Coman Mihai. **Media Anthropology**. (eds). Florida (EUA), 2005, p. 301-308. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319968557_The_journalist_as_ethnographer_How_anthropology_can_enrich_journalistic_practice. Acesso em 01 jan. 2026.
- BOYNTON, Robert. S. **The New New Journalism. Conversations with America's best nonfiction writers on their craft**. New York: Vintage eBooks, 2005.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CARVALHO, Beatriz Guimarães; EVANGELISTA, Rafael de Almeida. Coletores do cotidiano: o jornalista literário, o antropólogo e suas idas ao campo. **Brazilian Journalism Research**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 832-849, 2018. Disponível em: https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/1120/pdf_1. Acesso em: 25 mar. 2026.
- CASTRO, Celso. **Textos básicos de antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- COSTA, Lígia Militz da. **A poética de Aristóteles: mimese e verossimilhança**. 2. ed. rev. São Paulo: Ática, 2006.
- COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Campinas: Papirus, 1995.
- ELLIOTT, Andrea. **Invisible child: poverty, survival, and hope in an american city**. New York: Random House, 2022.
- EUFRASIO, Mario Antonio. “A Escola de Chicago de Sociologia: perfil e identidade”. In: LUCENA, Célia Toledo; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza. (OrgS.). In: **Práticas e Representações**. São Paulo: Humanitas/CERU, v. 1, p. 13-27, 2006.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2019.
- GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política e, Ilhéus, Bahia. In: **Revista de Antropologia**, v.46, nº.2, São Paulo 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27171/28943> Acesso em 01 jan. 2025.
- GOMES, Wilson. **Jornalismo, Fatos e Interesses**. Ensaios de teoria do Jornalismo. Florianópolis, Editora Insular, 2009.
- HARRINGTON, Walt. What journalism can offer ethnography. In: **Qualitative Inquiry**, Texas A&M University, Texas, v.9, n. 1, p. 90-104, 2003. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1077800402239342> . Acesso em 22 fev. 2025
- HERMANN, Anne K. Ethnographic Journalism. In: **Journalism**, [S. l.], v. 17, p. 260–278, 2016a. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/epub/10.1177/1464884914555964>. DOI: <https://doi.org/10.1177/1464884914555964> Acesso em 19 nov. 2025.

HERMANN, Anne K. The Temporal Tipping Point. Regimentation, representation and reorientation in ethnographic journalism. In: **Journalism Practice**, [S.], v. 10, p. 492-506, 2016b. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17512786.2015.1102605?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 19 nov. 2025.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGO, Cláudia. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. (Orgs.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010, v. 1, p. 48-66.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LINDNER, Rolf. **The Reportage of Urban Culture: Robert Park and the Chicago School**. Publisher: UK: Cambridge University Press, 1996.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri (SP), Manole, 2004.

MACHADO, Elias. O Pioneirismo de Robert E. Park na pesquisa em Jornalismo. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**, [S.], n 1, p. 23-34., 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2086> Acesso em 12 mar. 2024.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e De dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira Ciências Sociais**, São Paulo, v.17 n. 49, junho de 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?lang=pt> Acesso em: 12 jul. 2025.

MALINOWSKI, Bronisław. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. Tradução de Anton Carr. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 21-36, set./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2798>. Acesso em: 20 Jan. 2025.

NEVEU, Érik. On not going too fast with slow journalism. In: **Journalism Practice**. v. 10, 2016, p.448-460. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17512786.2015.1114897> Acesso em 19 jan. 2025

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, Charles (Org.) **Meios de Comunicação de Massa**. São Paulo: Cultrix, 1976. p.168- 185.

PEIRANO, Mariza. **A favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 42, 2014, p. 377-391. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?lang=pt> Acesso em: 20 nov. 2024

PEIRANO, Mariza. Argonautas, cem anos depois. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: ano 27, n. 61, p. 379-403, set./dez. 2021. DOI:10.1590/s0104-71832021000300013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/KNfRDFZRwBpSCM87vYMLKQM/?lang=pt> Acesso em 20 jan. 2025.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. In: **Ponto Urbe**, São Paulo, Brasil, v. 2, p. 1–12, 2008. DOI: [10.4000/pontourbe.1890](https://doi.org/10.4000/pontourbe.1890). Disponível em: <https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/217940>. Acesso em: 25 abr. 2026.

SANTOS, Augusto Ventura dos. Etnografia é observação participante? Trabalhando com um método constitutivamente heterodoxo. **Ponto Urbe**. v.28, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10089> Acesso em 10 jan. 2024.

SALVO, Fernanda Ribeiro. Cultura contemporânea e narrativas jornalísticas: a construção da diferença nas reportagens de Nana Queiroz e Fabiana Moraes. In: **Intertexto**, [s. l.], n. 45, p. 55-75, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-858320190.55-75>. Acesso em: 25 mar. 2026.

TRAVANCAS, I. S. Jornalistas e antropólogos: semelhanças e diferenças da prática profissional. Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – **Temas Livres**, XXV CONGRESSO ANUAL EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (Intercom), Salvador/ BA, 03. setembro.2002. Disponível em: https://www.academia.edu/24033061/Jornalistas_e_Antrop%C3%B3logos_Semelhan%C3%A7as_e_Distin%C3%A7%C3%B5es_Da_Pr%C3%A1tica_PROFSSIONAL1 Acesso em: 24 jan. 2025.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. In: **Ponto Urbe**, São Paulo, nº 11, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/300> Acesso em 20 abr. 2024.

YAGODA, Ben. Fact-Checking “In Cold Blood”: I found the papers of the fact checker who worked on Capote’s nonfiction masterpiece. What did he miss? In: **Slate**, 20 mar. 2013. Disponível em: <https://slate.com/culture/2013/03/fact-checking-in-cold-blood-what-the-new-yorkers-fact-checker-missed.html>. Acesso em: 24 mar. 2026.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DADOS DE PUBLICAÇÃO

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Todas as autorias contribuíram substancialmente.

ORIGEM DA PESQUISA

O texto resulta das seguintes teses:

SANTANA, Alex Sander Alcantara Lopes de. *De passagem: a etnografia como método de observação para contextos socioculturais na reportagem* (Uma experiência etnográfica no Elevado João Goulart, o Minhocão, em São Paulo). 2023. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. doi: [10.11606/T.27.2023.tde-19122023-153236](https://doi.org/10.11606/T.27.2023.tde-19122023-153236) Acesso em: 2026-04-26.

CARVALHO, João Noé Alves de Carvalho. Aspectos metodológicos, éticos e narrativos do uso de recursos da etnografia por jornalistas: uma comparação entre Estados Unidos, Brasil e Portugal. 2026. Tese (Doutoramento em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Portugal, 2026. Tese ainda a não disponível na internet.

AGRADECIMENTOS

Uma das pesquisas mencionadas neste artigo foi financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), de Portugal, no âmbito do projeto “Aspectos metodológicos, éticos e históricos do uso da etnografia no jornalismo: uma comparação entre Estados Unidos, Brasil e Portugal”

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Os autores utilizaram o ChatGPT (GPT-4) para revisão gramatical do resumo em inglês e espanhol, bem como para a revisão final. Todo o conteúdo argumentativo foi desenvolvido integralmente pelos autores.

FINANCIAMENTO

Parte do artigo teve como base a tese “Aspectos metodológico éticos e narrativos do uso de recursos da etnografia por jornalistas: uma comparação entre Estados Unidos, Brasil e Portugal”, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), de Portugal, no âmbito do projeto “Aspectos metodológicos, éticos e históricos do uso da etnografia no jornalismo: uma comparação entre Estados Unidos, Brasil e Portugal” (SFRH/BD/145112/2019).

CONFLITO DE INTERESSES

As pessoas autoras declaram não haver interesses conflitantes.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

A pesquisa não possui dados. O artigo não contém dados coletados ou obtidos por meio de análises a partir de fontes primárias (exemplos: artigo teórico, ensaio reflexivo e resenha).

LICENÇA DE USO

As autorias cedem à revista Estudos em Jornalismo e Mídia os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença [Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. As autorias têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em *site* pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Daiane Bertasso Ribeiro
Flávia Garcia Gadotti
Rogério Christofolletti

HISTÓRICO

Recebido em: 29-03-2025
Aprovado em: 03-04-2026
Publicado em: 22-06-2026